

ELEGIA PARA BENEDITO MONTEIRO

No ângulo da parede, janela do desconhecido,  
Apareceste a meus olhos, nessa noite profunda.  
Por que vieste dos extremos limites?  
Vejo no teu rosto sereno o reflexo vazio dos teus olhos  
[apagados,  
Nos teus cabelos há vestígios das indomáveis ventanias  
Que perturbam as paisagens inevitáveis,  
E a tua roupa está cheia de sombra. . .

Mas, por que trazes na mão essa flor escarlate?

.....

Ao longo dos valados,  
Das estradas reais iluminadas,  
Das estradas que se estendem para além dos arrabaldes,  
Limitando os jardins das gentes simples,  
Ainda há cercas de papoulas.

Ainda há chuvas generosas,  
Ainda há sinos mensageiros,  
Ainda há chuvas de janeiro,  
Sobre as cores estivais.

Sinos de domingos,  
Sinos de aleluias,  
Sinos de alegrias matinais.

.....

De certo, lá fora, a luz do dia está nascendo  
O dia mais uma vez surpreende as árvores,  
Surpreende todas as formas,  
Pois os galos guerreiros estão cantando ao longo dos subúrbios  
[alheios.

Quanto pela tua presença descansei minha lembrança!  
Aperta a minha mão, adeus, Benedito Monteiro!